

A busca da verdade passa necessariamente pelo contraditório. Não existem verdades pessoais, a minha, a tua, a daquele outro, mas o fato, que não se pode estabelecer com segurança, quando, obscuro, não são ouvidos os argumentos contrários. A fé que não resiste ao fato, à história, é um biombo por trás do qual se ocultam medos, perplexidades e, não raro, soberbia, arrogância, mitos e contos de fadas, belos, às vezes, mas inconsistentes.

Marcos, o Evangelho mais antigo, pode ser considerado o referencial, senão mais exato, aquele que mais de perto diz da fonte, em que pese a reformulação operada na transição do Evangelho Secreto para o Canônico. Lucas foi um colaborador de Paulo, João é astrológico e Mateus um cronista que transformou sua fé em instrumento de catequese. Marcos, sobrinho de Barnabé, o acompanhou e a Paulo em suas andanças até tio e sobrinho romperem com o homem de Tarso, mas foi com o seu Mestre, Jesus de Nazaré, que ele vivenciou na plenitude o ministério Galileu.

Dos versículos 35 a 45, Capítulo 10, do Evangelho Canônico de Marcos, pode-se inferir o espírito e a prática de Jesus de Nazaré no arremate da resposta insofismável, no versículo 45, ao pedido de Tiago e João: *O próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir, e dar a sua vida em resgate de todos*. Estou com os estudiosos que entendem admissível não haver constado do Marcos Original, amputado, o trecho final (...) e dar a sua vida, etc. (...), uma possível interpolação.



Constantino nasceu de Helena de Drepanon — Bitúnia, Ásia Menor —, concubina de Constâncio Cloro, seu pai. Casou-se com Flavia Maxima Fausta, filha de Maximiano, que o fez cogestor do Império; juntamente com Helena, Flavia Maxima foi proclamada Augusta, ambas tornadas santas da Igreja. Helena de Drepanon foi feita Santa Helena de Constantinopla, renomeação de Bizâncio, para onde retirou-se Constantino face à crescente proximidade dos bárbaros. Bizâncio, rebatizada Constantinopla, é, hoje, Istambul, capital da Turquia, antiga Ásia Menor. Sucedendo a Maximiano e Imperador romano único desde o afogamento de Maxêncio em 306 no curso da luta entre os dois, Constantino não teve uma vida familiar e imperial muito pacata. Em torno de 326 mandou executar seu filho Crispus Caesar, aos 20 anos, nascido de Minervina, sua concubina antes de Flavia Maxima, a quem fez governador da Gália, por haver recebido da mulher queixas de estar sendo assediada pelo enteado. Flavia foi depois assassinada no banho, restando dúvidas históricas se

a mando de Helena de Constantinopla ou pessoalmente por Constantino sob indução da mãe. Não podendo ser batizado em virtude da sua rotina de assassinatos, os Bispos, na época sem poder político para submetê-lo, exigiram de Constantino, no exercício do poder eclesiástico, o abandono de toda a violência, o que foi por ele adiado enquanto se livrava das ameaças ao seu próprio poder. Foi batizado, segundo historicamente se apura, quando próximo da morte, ocorrida em torno do ano 335, e já não tinha a quem eliminar.

Helena de Constantinopla, nascida em 250, morreu na cidade em 330 após, reza a tradição — não há comprovação histórica destas notícias —, regressar de Jerusalém onde localizou a Cruz na qual Jesus de Nazaré foi crucificado, inclusive com os pregos; localizou, também, sua sepultura sob um Templo edificado a Júpiter, mandando demoli-lo e no local construir o Santo Sepulcro. De origem humilde, antes de ser encontrada por Constâncio Cloro, atraído por sua beleza, era uma pessoa do povo nascida e educada no seio de uma pobre família religiosa executando trabalhos simples de pura subsistência.

Até Constantino a Igreja, no sentido grego de *ecclesia*, viveu da memória de Jesus de Nazaré e da tradição iniciada com os apóstolos seus contemporâneos e discípulos. Praticamente extinta a perseguição historicamente sofrida, a partir da cogestão de Constantino, os cristãos, vivendo em relativa paz, tiveram tempo para agravar as disputas internas, atenuadas sob feroz perseguição; mantendo-se coesos por pura questão de sobrevivência, aprofundaram as dissensões e o cisma que ameaçavam a unidade do movimento. A divergência principal girava em torno da pessoa de Jesus, para uns totalmente humano, para outros, semidivino, divino desde o útero materno ou divinizado pela crucificação, uma discussão interminável em virtude da inexistência entre os seguidores de Jesus de um poder central com força bastante para conduzir a questão e dar-lhe definição.

O *Jesuísmo*, era, então, um movimento sem expressão, das ruas, entre outros, uma religião de pobres, do povo, completamente Jesus de Nazaré.

(...). É difícil, na verdade, deixar de ficar nervoso com esta descrição do banquete imperial que celebrou o encerramento do Concílio de Nicéia: Destacamentos da guarda imperial e de outras tropas cercavam a entrada do palácio com espadas desembainhadas. Os homens de Deus puderam passar sem medo em meio aos soldados, até o coração dos aposentos imperiais, onde alguns sentaram-se à mesa junto com o imperador e outros reclinaram-se em divãs espalhados dos dois

lados. Quem olhava tinha a impressão de que se tratava de uma imagem do reino de Cristo — de um sonho, ao invés da realidade. (Eusébio, *Vita Constantini* 3.15; Brown 1982,16). A refeição e o reino ainda estão associados, mas agora os participantes são bispos, que, é claro, são do sexo masculino. Eles se reclinavam, junto com o imperador, para serem servidos por outras pessoas. Talvez o cristianismo seja uma “traição” inevitável e necessária de Jesus, pois senão teria morrido entre os morros da Baixa Galiléia. Mas essa “traição” tinha que acontecer tão depressa, ser tão bem sucedida e ser desfrutada dessa maneira? Não seria possível manter uma dialética mais equilibrada entre o Jesus e o Cristo em Jesus Cristo? (*John Dominic Crossan* * – *O Jesus Histórico/Epílogo – Imago, Rio de Janeiro, 1994, p. 462 – Tradução de André Cardoso*)

* John Dominic Crossan, professor de Estudos Bíblicos na DePaul University, de Chicago, e autor de vários livros, incluindo *The Cross That Spoke*, que recebeu o prêmio de Excelência da Academia Americana de Religião, e ‘Jesus: Uma Biografia Revolucionária’, também a sair pela Coleção Bereshit, da Imago. (Informações da época, da Editora, na ‘orelha’ posterior da capa de O Jesus Histórico).

O cristianismo e o catolicismo nasceram com Constantino.



O grande inimigo da verdade não é, muito frequentemente, a mentira (deliberada, controversa e desonesta), mas o mito — persistente, persuasivo e irrealista. (John F. Kennedy, paraninfando turma na Universidade de Yale, Connecticut, USA, 1962)



É saudável e necessária a preocupação e a proteção das religiões, desde que praticadas de forma ampla, sem discriminação. Os advogados, permanentes e ferrenhos defensores da cidadania e dos valores nacionais, o fazem dessa maneira. A

Tribuna do Advogado, órgão oficial da Seccional do Estado do Rio de Janeiro da Ordem dos Advogados do Brasil, publicou em sua edição de Outubro de 2017, Número 571, páginas 14 a 19, alentada matéria sob o título PERSEGUIÇÃO A RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NO RIO AUMENTA E PREOCUPA, na chamada do índice ‘Perseguição e ataques à cultura e religiosidade de matriz africana crescem no Rio e causam preocupação’. A TV Brasil trata do assunto rotineiramente, de modo isento e abrangente; as demais religiões, além daquelas de matriz africana, de sobejo tratadas como manifestação da cultura negra, são retratadas inclusivamente. Afinal, somos cultural, religiosa e socialmente um país no qual 50% (cinquenta por cento) da população é negra, boa parte praticante de religiões de natureza apostólica romana e origem europeia, sem apontar de dedos, discriminação ou manifestações de exclusivismo e negação da história.

